

O dicionário inédito de José Leite de Vasconcellos

Folhas para um Dicionário da Língua Portuguesa

PAULA ESTRÊLA LOPES MENDES*
(Universidade de Lisboa)

Perfil histórico e descrição

Folhas para um dicionário da língua portuguesa é um conjunto de, presumivelmente, 50 000 verbetes a que corresponderão cerca de 40 000 vocábulos. Faz parte das obras que o Doutor Leite de Vasconcellos deixou por publicar e é uma daquelas cuja publicação encarregou aos seus testamentários. Hoje, depois de ter passado por vários locais (assim como os restantes inéditos) encontra-se no Centro de Tradições Populares da Faculdade de Letras de Lisboa, ambos sob a responsabilidade de Manuel Viegas Guerreiro. Antes tinha estado no Centro de Estudos Geográficos, originalmente na Travessa do Arco, n.º 13, em Lisboa, e mais tarde na Cidade Universitária, e ainda antes, no Museu Etnológico, o primeiro destino do vastíssimo conjunto dos apontamentos de Leite de Vasconcellos após a sua morte em 1941. Segundo Orlando Ribeiro, na "Notícia Introdutória" do vol. IV de *Etnografia Portuguesa*, o desejo de Leite de Vasconcellos era que os seus papéis fossem depositados nas instalações da Academia das Ciências, num local onde os testamentários pudessem reunir para trabalhar, o que nunca aconteceu devido à falta de alojamento para o efeito.

Depois de todas estas deslocações as *Folhas* estão praticamente como Leite de Vasconcellos as deixou, salvo algumas intervenções de que falaremos mais adiante. Estão aceitavelmente ordenadas de forma alfabética, arrumadas em treze gavetas de arquivo e em bom estado de conservação.

A maioria dos verbetes são autógrafos; há-os, porém, que não são. Entre estes, uns são apógrafos e outros idiógrafos. Os primeiros podem ser cópias mais ou menos livres de verbetes já existentes, feitas pelos colaboradores do Professor, que pretendem apenas reproduzir anotações do mestre feitas numa

* Bolseira do Programa PRAXIS XXI.

caligrafia menos cuidada (portanto, uma passagem a limpo, por vezes, com erros, devidos, em parte, a dificuldades de leitura da caligrafia apressada ou de dimensões mínimas em que estão redigidas boa parte das anotações); podem ser a fusão num só de diversos verbetes referentes a uma mesma palavra, já pensando na edição do todo; e podem ainda ser uma redacção autónoma dos seus colaboradores. Os idiógrafos, por serem cópias revistas pelo Professor, não suscitam as dúvidas dos anteriores e têm, por isso, valor idêntico ao dos autógrafos.

Esta extensa colecção de vocabulário é o resultado de uma recolha incessante em viagens pelo país, no dia a dia e da leitura de textos antigos, pois tinha o costume de tomar anotações de tudo o que de novo se lhe deparava e podia constituir informação aproveitável futuramente. O vocabulário é, portanto, diversificado. Há vocabulário popular e dialectal (incluindo as variantes de África), frequentemente acompanhado de variantes fonéticas locais, há vocabulário arcaico manifesto na linguagem dialectal e recolhido dos textos e há também registo de muitas variantes ortográficas.

O teor das anotações, bem como a sua extensão e aprofundamento de análise, é também diferente. Por um lado, temos notas de cariz histórico e etimológico e por outro análises linguísticas contendo indicações sobre a morfologia e o uso da palavra. Frequentes são também verbetes de palavras correntes sobre as quais é dada informação apenas sobre significados que lhe são atribuídos dialectalmente. As anotações mais curtas podem consistir apenas no étimo ou na definição através de um sinónimo, o correspondente na língua corrente ou moderna, ou apenas na indicação de publicações onde o assunto foi já tratado por ele próprio ou por outros autores. As mais extensas incluem outros campos lexicográficos, como por exemplo definições explicativas mais extensas, fraseologia, citações e datação. Tanto num caso como no outro poucas são as vezes em que não é dado o local da recolha, ou seja, o texto ou obra de onde retirou as palavras, ou a localidade ou região onde as ouviu. Por fim, também nas *Folhas* transparece o excelente etnólogo, através de desenhos legendados, alguns minuciosos, pela mão do próprio Leite de Vasconcellos que, em alguns verbetes, ilustrou objectos e as partes de que se compõem – uma preciosidade tanto do ponto de vista da etnologia como da dialectologia.

Quanto à redacção dos verbetes, como já tivemos oportunidade de dizer, apresentam-se ao transcritor alguns problemas no que diz respeito à leitura da caligrafia leitiana, pois muitas das notas foram certamente tomadas em condições pouco favoráveis ao acto de escrever. Sabemos que era costume do filólogo andar sempre acompanhado de um pequeno caderno de apontamentos ou de pedaços de papel para poder escrever em qualquer ocasião. O papel aproveitava-o de sobras tipográficas e de muitas outras coisas, nomeadamente bilhetes de eléctrico, cartões de visita, etc. O material é muito diversificado e, por vezes, não é o melhor para favorecer a legibilidade da sua escrita.

A edição

A primeira iniciativa de publicação dos verbetes de Leite de Vasconcellos pertence a Gaspar Machado, que, em 1953-54, tentou a publicação na *Revista de*

Portugal junto do seu director de então, Álvaro Pinto. O interesse pela publicação foi imediato mas rapidamente frustrado. Após análise mais detida chegou-se à conclusão de que era totalmente impossível pensar em qualquer edição sem reorganizar e transcrever tudo. A tarefa era gigantesca e aquela oportunidade não pôde ser aproveitada.

A única tentativa de reorganização a que foram sujeitas as *Folhas* é da responsabilidade de Serafim da Silva Neto. Em 1958, numa visita ao Centro de Estudos Geográficos, ainda na Travessa do Arco, foi aliciado por Viegas Guerreiro a interessar-se pela tarefa de organizar e editar os verbetes. Assim, as gavetas respeitantes às letras A e B ficaram em poder do filólogo brasileiro até daí a dois anos, data do seu falecimento. Interrompida a tarefa assim bruscamente, os verbetes voltaram ao Centro de Estudos Geográficos, agora já na Cidade Universitária, e a intervenção de Silva Neto pouco adiantou para o fim pretendido.

No âmbito do Mestrado em Linguística Histórica, Linguística Românica e Crítica Textual da Faculdade de Letras de Lisboa foi constituída uma equipa que se dedica já à transcrição do manuscrito em questão sob a orientação de Ivo Castro e da qual venho aqui falar por ser este também o tema ao qual pretendo dedicar a minha dissertação de Mestrado. A edição que pretendemos levar a cabo é constituída por duas fases: a primeira consiste numa transcrição a meio caminho entre a diplomática e a genética, sujeita apenas a algumas normalizações; a segunda, consistirá na edição propriamente dita, isto é, na selecção da informação útil e recusa da inútil, por estar repetida ou incompleta, na verificação de referências bibliográficas, na fusão de verbetes diferentes referentes à mesma palavra, isto é, a edição de um vocábulo a partir de mais do que um verbe, entre outras tarefas. Tudo isto visando 'limpar' o texto o mais possível para chegar à estrutura final característica de uma entrada de dicionário.

Contrariamente à opinião de outras pessoas que antes se debruçaram sobre as *Folhas* de Leite de Vasconcellos, não nos pareceu produtivo, nem necessário, qualquer ordenação ou selecção prévia à transcrição imediata. Antes, julgámos ser isso não mais do que uma demora desnecessária para se proceder à já por si só demorada tarefa de passar ao computador todos os verbetes. Uma 'base de dados' assim constituída será, ela sim, uma ferramenta fundamental para qualquer fase posterior de edição ou mesmo para outro tipo estudos.

A transcrição da primeira fase é, portanto, feita verbe a verbe; contudo, nem todos os verbetes são tratados de forma idêntica. No caso de verbetes apógrafos, só são transcritos aqueles de que não exista o correspondente autógrafo, mas, mesmo assim, devidamente assinalados. Igualmente assinalados são todos os trechos apógrafos acrescentados aos autógrafos, quando o mesmo não está escrito pela mão de Leite de Vasconcellos noutro lugar. A par destas fazem-se também outras pequenas normalizações, como é o caso do desenvolvimento de determinado tipo de abreviaturas, sempre que elas se apresentem de imediato claras a quem transcreve, o uso de recursos gráficos para distinguir campos lexicográficos*, a regularização das regras de fazer citações e referências, da utiliza-

* Aspas simples para definições, aspas duplas para citações, itálico para exemplos da palavra e para referências bibliográficas, negrito para étimos, etc.

ção de maiúsculas e minúsculas, etc. Isto significa que nesta primeira fase se procede já a um esboço de edição, ou pelo menos à preparação de caminho para a edição, nomeadamente no caso de vários verbetes para um único vocábulo, e que, a par da transcrição, se faz já alguma selecção e alguma classificação que trará certamente benefícios para a segunda.

A segunda fase procura editar o texto como entrada de dicionário. Para tal, depois de conhecido o texto a fundo e na totalidade, serão estabelecidas as regras e disposições necessárias e convenientes a este trabalho. Porém, é possível adiantar desde já que, antes de chegar ao resultado final, será absolutamente necessário um grande trabalho de investigação, por exemplo no que se refere à verificação e complementação de referências bibliográficas, que são muitas. De grande ajuda será, com toda a certeza, a biblioteca de filologia e linguística do Doutor José Leite de Vasconcellos que foi deixada à Faculdade de Letras e ocupa uma sala com o seu nome no Departamento de Linguística Geral e Românica. Só então, na posse de todos estes elementos, será correcto passar à fase de reordenação interna dos verbetes, sistematizando o modo de apresentação e a localização de todos os elementos lexicográficos, como a categoria morfológica, ortoépia, significação, fraseologia, citações, referências, e talvez ainda outros.

Presentemente está em curso a primeira fase da transcrição, à qual nos dedicámos durante parte do ano corrente.

Um exemplo

Para exemplificar um pouco do que já se disse escolhi a palavra *alpendre* que, nas *Folhas* do Doutor Leite corresponde a quinze verbetes. A sua transcrição, que pode ver-se na coluna A, corresponde à primeira fase do tratamento do texto. Destes, nove são autógrafos, ou seja, foram escritos pela sua mão, quatro são apógrafos, isto é, não foram escritos por Leite de Vasconcellos, e dois são idiógrafos – verbetes escritos por outra mão mas revistos por ele.

Podemos ver no EXEMPLO da página seguinte que os autógrafos de *alpendre* são os verbetes numerados por nós de [1] a [4], o [6] e de [8] a [11] (com o símbolo \Rightarrow); os apógrafos são os verbetes com os n^{os} de [12] a [15] (símbolo *), que, por isso, estão entre parênteses rectos; e os idiógrafos são os n^{os} [5] e [7] (símbolo ✓), cujo texto autógrafo está fora dos parênteses rectos. Este texto é constituído por correcções ou acrescentos de Leite de Vasconcellos. Neste caso não se trata de uma cópia de texto autógrafo com erros posteriormente corrigidos por Leite, como acontece com alguns idiógrafos, mas sim de redacção da responsabilidade de quem escreveu. Temos provas da aceitação de Leite nos casos dos verbetes n^{os} [5] e [7], os idiógrafos, mas não as temos quanto aos n^{os} de [12] a [15]. Quanto aos últimos, os apógrafos, podemos supor que estariam destinados à revisão de Leite, à semelhança de [5] e [7]. Veja-se o n^o [12], no final, onde se lê: “a definição estará bem?”, prova de que a revisão é esperada. Portanto, poder-se-á afirmar que todo o apógrafo estaria, no caso das *Folhas* de Leite, em vias de se transformar num idiógrafo. Porém, perante a falta de provas mate-

EXEMPLO: Pré-edição de um verbete
alpendre

A: verbetes de Leite

- ⇒[1] 'coberto, em geral'.
Sendo junto à casa é *arribana*, como no Peral: para aí ter alfaias de lavoura etc. – Loures (355)
- ⇒[2] 'entrada coberta de uma capela, às vezes em barras' (o mesmo que *galilé*). – Castelo Branco. (356)
- ⇒[3] *coberto* ou *alpendre*
alpendre é apenas a cobertura do balcão ou varanda, e também a *galilé* das capellas (*galilé* é menos usado); *coberto* é por ex. o do forno, o que está junto da casa para recolher carros etc. (357)
- ⇒[4] *alpendre* ou *alpendorada*
'casa coberta, e sem portas, isto é com a frente aberta, com postes para assentarem as vigas, junto de uma eira para guardar cereaes, etc. quando chove. – Ponte de Sôr (358)
- ✓[5] ['é o mesmo que telheiro, coberto, arribana. Quando muito largo é *alpendorada* (não quando é muito comprido)'. – Alandroal] (359)
- ⇒[6] 'casa sobradada, córtes e *alpendre de colmaço*, eira terrea, horta'. (matriz de Ronfe) (360)
Noutros: *alpendre telhado* e *alpendre de telha*.
- ✓[7] ['É menor] que *alpendrada*. [Serve, por ex., para resguardar o forno: "*alpendre do forno*", é expressão que ouvi correntemente em 1910. [Montargil] (361)
- ⇒[8] em Baião é um coberto de colmo ou telha nas eiras para recolher momentaneamente (por causa da chuva ou da noite) o milho, e outras novidades que estão nas eiras. (362)
- ⇒[9] 'telhado ou coberto do *balcão*' – Celorico da Beira. (363)
- ⇒[10] 1) *alpendre* quando a porta de entrada de uma casa ou igreja é protegida por um coberto, que póde ser esteado por colunas chama-se *alpendre*. onde? [à marg. dirta., na vertical:] Na vermelha ha.
2) *alpendre* defronte da igreja. Algarve. Vid. *entelhado*. Para ver casa na R. L. (368)
- ⇒[11] 'é a arribana do Cadaval, fechada por 3 lados'.
- *[12] ['Casa junto da eira para recolher o milho. Compõe-se de um andar e r/c, com a frente de madeira. O andar tem grades para entrar o ar; ahí estão as espigas. No r/c recolhe-se, quando vem chuva, o milho que está na eira. Baião (a definição estará bem?)] (364)
- *[13] ['vão debaixo da varanda, onde se arruma lenha, etc'. – Albergaria a Velha.] (365)
- *[14] [Ouvi chamar *alpeindre* a um, aberto, ao pé de uma eira – Santa Cruz do Douro. O *alpeindre* é sempre ao pé da eira, e é fechado; sendo aberto, é *beiral*. O *beiral* póde ser longe da eira, e serve para recolher carne(?), rachar lenha, etc. *Balcão* é o vão debaixo da varanda para arrumos. (por ex.: ao pé da igreja de S. Thomé) Também se chama *beiral* ao coberto da entrada da casa. – Baião] (366)
- *[15] ['é o coberto da entrada de uma casa, ou ao rés-do-chão (como vi, por ex.º, na Sobreira), ou ao cimo de uma escada (aí sobre o *patim*). Quando é ao cimo da escada, e externo, torna-se *varanda*. - Cada-val.] (367)

B: entrada pré-editada

1. coberto, em geral. Sendo junto à casa é *arribana*: para aí ter alfaias de lavoura, etc. – Peral, Loures. 2. entrada coberta de uma capela, às vezes em barras (o m. q. *galilé*). – Castelo Branco. 3. (ou *coberto*) *alpendre* é apenas a cobertura do balcão ou varanda, e também a *galilé* das capellas (*galilé* é menos usado); *coberto* é por ex. o do forno, o que está junto da casa para recolher carros etc. 4. (ou *alpendorada*) casa coberta, e sem portas, isto é com a frente aberta, com postes para assentarem as vigas, junto de uma eira para guardar cereaes, etc. quando chove. – Ponte de Sôr. 5. é o m. q. telheiro, quando muito largo é *alpendorada* (não quando é muito comprido) – Alandroal. 6. casa sobradada, córtes e *alpendre de colmaço*, eira terrea, horta; (matriz de Ronfe). Noutros: *alpendre telhado* e *alpendre de telha*. 7. é menor que *alpendrada*. Serve, por ex., para resguardar o forno: "*alpendre do forno*", é expressão que ouvi correntemente em 1910 – Montargil. 8. é um coberto de colmo ou telha nas eiras para recolher momentaneamente (por causa da chuva ou da noite) o milho, e outras novidades que estão nas eiras – Baião. 9. telhado ou coberto do *balcão* – Celorico da Beira. 10. quando a porta de entrada de uma casa ou igreja é protegida por um coberto, que póde ser esteado por colunas. Vid. *entelhado*. – Algarve. 11. é a arribana, fechada por 3 lados – Cadaval. 12. vão debaixo da varanda, onde se arruma a lenha, etc. – Albergaria a Velha.

→Pré-edição, sem grandes intervenções; dos apógrafos só aceitou um, o [13], cuja informação é completamente nova.

LEGENDA

- ⇒ autógrafo
✓ idiógrafo
* apógrafo
(...) numeração autógrafa
[...] numeração do editor

riais, o texto apógrafo não tem para o editor a mesma importância que o idiógrafo, porque carece de confirmação autoral.

À excepção de um, o nº [11], todos estes verbetes estão numerados no canto superior direito de 355 a 368 (que no EXEMPLO se vê entre parênteses curvos no final de cada verbete), julgamos que pela mão de Leite. Esta ordenação foi tida em conta, contudo, não foi imperativa. O facto de na primeira coluna se apresentarem os apógrafos em último lugar significa que não terão peso igual aos restantes verbetes na edição. Os idiógrafos mantêm-se na sequência, portanto com um tratamento idêntico ao dos autógrafos. Assim, no caso de vários verbetes para uma única palavra, a ordem de transcrição adoptada tem em conta, não só a disposição encontrada mas também o valor editorial.

À fase seguinte, a que está exemplificada na coluna B, chamemos-lhe pré-edição, porque tem algumas intervenções editoriais, mas não é uma edição definitiva, isto é, não é uma entrada de dicionário acabada. A diferença mais visível de B em relação a A é que os apógrafos foram dispensados, exceptuando o nº [13], por ser o único que contém informação não redundante. Quanto aos restantes, todos os autógrafos e idiógrafos, foram sujeitos a uma leve operação de *limagem* em que se procurou, sobretudo, sistematizar a apresentação dos dados arrumando-os de forma idêntica em todas as acepções, por exemplo, o local de recolha do vocábulo relegado sempre para o final separado por travessão (–), procurou também limpar de texto incompleto, como é o caso da última linha do ponto 1) de [10], na coluna A, que diz: “onde? [à mrg. drta., na vertical:] Na vermelha ha.”, que mais não parece ser do que uma anotação de Leite Vasconcellos para si próprio, para mais tarde completar ou para se recordar de algo.

Neste mesmo verbete, o nº [10], mas no ponto 2), aparece uma referência bibliográfica para a *Revista Lusitana*, aqui sem indicação do volume e da página, contrariamente ao mais frequente, apenas para que se veja a palavra *casa* na dita revista, o que parece querer indicar que lá se encontrarão complementos para o verbete em questão, o que tem, de facto, coerência, devido à relação óbvia entre as duas palavras. No entanto, depois de verificar todas as ocorrências da palavra *casa* a que Leite de Vasconcellos poderia estar a referir-se, só duas se poderiam relacionar com *alpendre*, sem contudo acrescentar nada ao verbete nº [10], e são as seguintes:

“A *casa dianteira* não significa só a casa de entrada; significa muito frequentemente o primeiro lugar: *estar ou andar na casa dianteira*.”

R.L. XXXI, 134: “Maneiras de dizer alentejanas”, Manuel Gomes Fradinho

“Casa de fora, s.f. – Casa de entrada.

– C. de F. registou o t. como *prov.*, sem o localizar.

É us. no Alentejo. (Portel)

R.L. XXXIII, 119: “Vocabulário Alentejano”, J. A. Pombinho Júnior

Qualquer destas duas referências não parece ser suficientemente importante para justificar a alusão. Quer isto dizer que na verificação das referências bibliográficas dadas nas *Folhas* podemos encontrar-nos muitas vezes perante situações idênticas, isto é, referências que nos farão dispender tempo na procura sem,

todavia, trazerem para a edição qualquer proveito, mas que não poderão ser identificadas antes da verificação. Outras, ainda, trarão dificuldades devido à raridade das obras referidas. Como já atrás disse, confiamos que em casos destes a biblioteca pessoal do Doutor Leite venha a ser de grande ajuda.

Uma das referências bibliográficas mais comuns nas *Folhas* é, sem dúvida, a *Revista Lusitana*. Questionamo-nos se Leite de Vasconcellos se terá servido da informação que tinha recolhido para a redacção de artigos na *R.L.*, nomeadamente para vocabulários regionais que aí costumava publicar, nas *Folhas*. Verificámos algumas dessas referências à *R.L.*, escolhidas ao acaso. Se num ou noutro caso parece não haver aí informação relevante, ou mesmo informação nenhuma, para complementar a que está no verbete, na maioria dos casos não é assim e os verbetes poderão ser complementados com informação etimológica, outros usos das palavras e exemplificação através de frases recolhidas em campo.

Por fim, quisemos saber se nas *Folhas* havia vocabulário que não consta dos dicionários de português, o que concorreria para certificar o interesse da edição destes materiais. Não foi necessário sequer verificar um número muito grande de palavras, pois rapidamente encontrámos uns quantos exemplos de 'exclusivos' de *Folhas para um dicionário da língua portuguesa* em relação aos dicionários que consultámos, que foram o *Bluteau*, o *Dicionário da Academia*, *Cândido Figueiredo*, *Caldas Aulete*, o *Elucidário de Viterbo*, a 10ª edição do *Morais* e a última do *Aurélio*. Ficam os exemplos

abaliar 'gritar por socorro'. "Se alguém vem para roubar uma casa, *abaleia-se àque d'el-rei*. Se ha um fogo *abaleia-se* tambem". Penude (Lamego); de uma velha. Deve relacionar-se com *balar*, *balido*.
Entre uns versos (não em rima) de uma anednota tradicional.

abalmar "E em densa nuvem a razão se *abalma*"
Estro de Th. A. dos Santos e Silva, *Cetobricense*, Lisboa 1792, p.122, verso a que o A. põe a seguinte nota: "*abalma* por *abafa*. *Ceos abalmados* por *nublados* em *calmaria* etc., são expressões que commumente eu ouço nesta *Maritima: se não agradar, talvez por falta de *authoridade*, seja este o meu patavinismo".
Setubal.

acamo "O gado está no *acamo*" = a dormir a sèsta.
Alandroal
R.L., IV, 53.

acruchada 'muito embuçada.'
Trás-os-Montes.
RL, V, 23.

adesguem "tosquiado a *adesguem*" = de arripio. Creio que é do campo de Ourique. = *a-desguem* (*desdem*).
Creio que da B. Baixa tenha *desguens*.

adragemcho *RL*, XIII, 228.

- acorrilar** "como elles não puderão consentir acorrilarem-nos", **Canto*, Vide, 236.
- ádeda** Num testamento *em manda, que tem acrescentamentos, dis [sic] o tabelião: "pedio treslado da dita manda e a *deda* dela", e pouco depois: "este treslado da dita manda da *deda* dela ... escreveu": 1356, *Diccionario do Souto* nº. 60, p.59 in fine, e p.60.
Deve ler-se *ádeda* < *addita*, de *addo* 'acrescentar'.
- adiáta** 'dieta'
Algarve
RL, VII, 105.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Ivo, 1988: «Os estudos de Lexicografia em Lisboa», separata de *Verba*, Anuario Galego de Filoloxía, Anexo 29, Santiago de Compostela, p.193-197.
- MACHADO, Gaspar, 1959(?): «Os inéditos do Dr. Leite de Vasconcelos», *Revista de Portugal*, série A: Língua Portuguesa, vol. xxiii, Lisboa: Edições Império.
- RIBEIRO, Orlando, 1958: «Notícia Introdutória» de *Etnografia Portuguesa*, iv vol., Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SOROMENHO, Paulo Caratão, 1962: «O Dicionário Inédito de Leite de Vasconcelos», separata da *Revista de Portugal*, série A: Língua Portuguesa, vol. xxvii, Lisboa: Edições Império, p. 214-222.
- VASCONCELLOS, José Leite de, 1928: «Apontamentos Lexicais (Ideias para um dicionário; Pecúlio vocabular)», *Opúsculos*, vol I, Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 491-574.
- 1929: «A Filologia Portuguesa», *Opúsculos*, vol. iv, Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 868-890.
- 1959: «Plano de estudos Filológicos», *Lições de Filologia Portuguesa*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Livros de Portugal, p. 211 e ss.